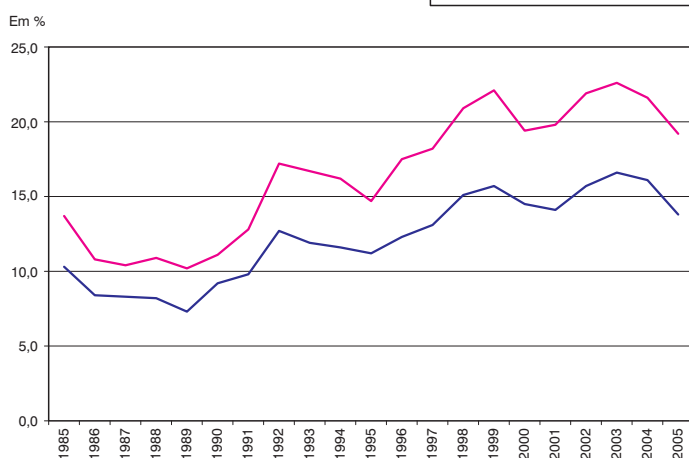


Gráfico 4

Taxas de desemprego, por raça/cor
Município de São Paulo – 1985-2005



Fonte: SEP, Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT, Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

A taxa de desemprego total da população paulistana, em 2005-2006, conforme a Pesquisa de Emprego e Desemprego, era de 14,8%, sendo de 13,0% para a população branca/amarela e 18,3% para a preta/parda (ver mapas na p. 46). Em todas as regiões da cidade, as taxas de desemprego dos negros eram maiores do que as dos brancos e amarelos, especialmente nas regiões Norte 1 e Oeste, em que as diferenças eram, respectivamente, de 6,1 e 5,5 pontos percentuais. Já a menor diferença encontrava-se na região Leste 1 (3,2 pontos percentuais).

Além de deterem as maiores taxas de participação no mercado e de desemprego, os negros, quando trabalhando, percebem, em geral, os menores rendimentos. Segundo o Censo Demográfico IBGE, em 2000, no Município de São Paulo, o rendimento médio dos ocupados de raça/cor branca/amarela era de 3,94 salários mínimos, enquanto o da população de raça/cor preta/parda correspondia a 1,61 salário mínimo (ver mapas na

p. 47). Contudo, observa-se que, de modo geral, o rendimento médio dos residentes nos distritos mais periféricos, sejam eles brancos, amarelos ou negros, era inferior ao dos moradores nas regiões mais consolidadas.

Em 2000, entre os ocupados de raça/cor branca/amarela e os de preta/parda, as mulheres negras formavam o grupo que auferia os menores rendimentos: em média, 1,04 salário mínimo (ver mapas na p. 48). Os homens negros percebiam 2,18 salários mínimos, montante inferior ao rendimento médio das mulheres brancas/amarelas (2,35 salários mínimos). O segmento que recebia os maiores rendimentos era aquele constituído pelos homens brancos e amarelos (5,75 salários mínimos).

A escolaridade é elemento fundamental para possibilitar acesso, permanência e progressão no mercado de trabalho. Nesse aspecto, também existe desigualdade de situação entre a população branca/amarela e a preta/parda: a média de anos de estudo para os brancos e amarelos é de 8,71, enquanto para os negros é de 6,45 (ver mapas na p. 49). Assim como o nível de rendimentos, também a escolaridade dos residentes – brancos, amarelos ou negros – nas áreas mais centrais era, em média, superior à dos moradores nas regiões periféricas. De maneira geral, o acesso da população negra à escolaridade superior é muito menor que o da população branca/amarela: em 2000, de um total de 833.513 estudantes que concluíram o ensino superior, 93,5% (779.108) eram pessoas de raça/cor branca/amarela e apenas 6,5% (54.405), da raça/cor preta/parda.